

# 383 Página de recordação

AUSTREGESILO  
DE ATHAYDE

Houve sempre muita cordialidade nas minhas relações com Tancredo Neves, embora estivessemos freqüentemente em campos políticos opostos, ele militante partidário, e eu nesta pregação jornalística que exerço ininterruptamente há setenta anos. Foram encontros esporádicos que vieram a tornar-se mais freqüentes, nestes últimos anos, quando Tancredo assumiu posições coincidentes com as minhas, na luta pela recuperação das liberdades democráticas que o regime autoritário suprimiu ou denegou. O liberalismo era a nossa bandeira comum, cada qual com as suas responsabilidades no âmbito de sua ação pública. A restauração do Colégio do Caraça e o projeto da Academia de edificar em terreno que possui em Belo Horizonte um Centro Cultural, levaram-me algumas vezes, por iniciativa do então Secretário da Cultura, deputado José Aparecido, à sua presença e recebi do então governador do Estado de Minas apoio e incentivo, pois era um intelectual esclarecido, membro da Academia Mineira de Letras, apurado escritor, em dia com a vida literária do Brasil e do mundo, capaz de conversar de igual para igual com qualquer homem de maior requinte. Na melhor tradição da cultura mineira.

No grande almoço que lhe ofereceu o professor Cândido Mendes, quando a Faculdade de Direito lhe conferiu o título de doutor "Honoris Causa", fui colocado à sua direita, deferência devida ao cargo de presidente da Academia Brasileira. Tancredo com muita benevolência gostava da minha oratória e derramou-se em elogios ao discurso que pronunciei na ocasião. Mais uma vez vimos quanto estávamos afinados e coerentes, na causa da reabilitação política da democracia brasileira, iniciada pela reabertura do presidente Figueiredo. Em certo momento da conversa, surpreendeu-me dizendo: "A Academia precisa eleger o Brossard, que é uma grande expressão da inteligência nacional". Respondi-lhe com muito sorriso: "Primeiro vamos eleger você Presidente da República. Depois o Brossard cuidará de si mesmo". Tancredo obtemperou: "Talleyrand não teria respondido melhor".

Lembro-me bem que o aconselhei a moderar-se nas viagens, poupando a saúde física, primeira condição para vencer o combate em que estava tão virilmente comprometido. Disse-me: "Bem necessito". Mais tarde, em artigos aqui, dei-lhe conselhos no mesmo sentido, chegando mesmo à impertinência de considerar desnecessária a longa viagem que realizou, mundo afora, depois de eleito. "Recolha-se à sua fazenda de Cláudio e fique lá em repouso e meditação. Se possível, jejue ou, como o Batista, nutra-se de gafanhotos e mel silvestre no deserto".